

A ESPIRITUALIDADE PODE REENCANTAR A POLÍTICA



**MOVIMENTO DE JUVENTUDES E
ESPIRITUALIDADES LIBERTADORAS**

**Produzido pela equipe de
Coordenação do Movimento de
Juventudes e Espiritualidades
Libertadoras**

REDAÇÃO:

Marcelo Barros

ORGANIZAÇÃO E REVISÃO DE TEXTOS:

Rosemary Fernandes, Lívia Lages,
Gildo Aquino Xucuru, Malu Aléssio,
Gilvander Moreira, Jonathan Félix,
Cláudio Ribeiro, Felipe Teixeira,
Toninho Kalunga, Arlefe Noite e Victor
Hugo, Gêssica Dias e Josias Vieira
Kaeté

CRIAÇÃO, EDIÇÃO DO PROJETO

GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO:

Rosemary Fernandes e Lívia Lages

CAPA:

Gentilmente cedida por Anderson

Augusto: Marcha por Direitos

Recife/Rio de Janeiro, Brasil

Todos os direitos reservados

2026



Movimento de Juventudes e
Espiritualidades Libertadoras, Cartilha
**A Espiritualidade pode reencantar a
Política.** Recife/Rio de Janeiro, MEL,
2026, 33 p.

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	4
PREFÁCIO	6
1. MAS, O QUE SERIA ‘ENCANTAR’?.....	8
2. POLÍTICA, VOCAÇÃO/ MISSÃO E NÃO APENAS PROFISSÃO	11
3. COMO A POLÍTICA TEM A VER COM ESPIRITUALIDADE?.....	16
4. GUIA PARA A AMOROSIDADE E DO CUIDADO.....	20
5. O REENCANTAMENTO DA POLÍTICA PARTIDÁRIA REPRESENTATIVA	23
6. SÓ A ESPIRITUALIDADE PROFÉTICA PODE REENCANTAR A VIDA	25
PARA CANTAR E ENCANTAR	30
PALAVRAS FINAIS	34



Apresentação

Em tempos turbulentos, com as ondas agitadas, nem sempre conseguimos manter o rumo, o prumo, a prudência e a criatividade necessárias para navegar. Mas, como dizia o poeta *“não sou eu quem me navega, quem me navega é o mar”*.

Longe de acreditarmos em uma intervenção mágica divina, ou mesmo em uma imagem de Deus não dispensa a existência viva e criativa de toda a natureza... é importante nos darmos conta de que a tarefa de ‘reencantar’ a vida e todas as condições para que esta seja de justiça, paz e bem viver, é a convocação que vem do mais profundo de cada uma, de cada um de nós. Mas de quem seria essa tarefa? É a pergunta que movimenta esta pequena cartilha. Será daqueles ‘representantes’ políticos? Será dos eleitores em tempos de idas às urnas? Será da cidadania pessoal e também comunitária que vive em cada recanto de nosso país?

Neste movimento de cidadania e criatividade chegaram muitas parcerias – o **MNFP** (Movimento Nacional de Fé e Política), o **CEBI Nacional**, o **CEBI MG**, o **CEBI BA**, **CEBI NE** (Centro de Estudos Bíblicos), a **PJ Nacional** (Pastoral de Juventudes), o **Nós na Criação**, o **Sementes da Democracia**, a **CEEL** (Comunidade Ecumênica de Espiritualidade Libertadora), o **Núcleo Nacional de Teologia da Libertação Política e Religião** e a **Comissão de Justiça e Paz da Família Dominicana no Brasil**.

Convidamos a você a reunir seu grupinho, seja familiar, amigo, no bairro, na comunidade, na igreja, no terreiro, no campo – *“onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles”* (Mt 18,20) – e caminharem por estas páginas conversando sobre suas comunidades, pensando em formas de ‘reencantar’ a Política, no fazer político cotidiano, próximo, em cada recanto do existir.

Nosso caminho de ‘reencantar a Política’ vem do Amor Divino que se faz comunicação, criação, comunidade e, por isso mesmo, nos anima, nos orienta e fortalece nesta direção.

Sim, a espiritualidade é nosso motor mais potente e renovador.

Sim, as espiritualidades são nosso motor mais potente e renovador.

“E a Política se revelará como a arte brincante da beleza do cuidado e do carinho social. E, em nosso dia a dia, viveremos o ensaio dos novos céus e novas terras nos quais todos nós poderemos ver e sentir a morada divina no meio de nós.

E o Amor Divino poderá, de novo, dizer: *“Sou eu que faço novas todas as coisas”* (Ap. 21, 5).”

Marcelo Barros

Rosemary Fernandes

Prefácio

Esse trabalho foi feito por muitas mãos, muitos corações aflitos e desejosos de que o Bem Viver chegue a todos os parentes, a toda a Casa comum. Ele foi movido pelo desejo de muitas vidas e na inspiração do Amor Divino. Conversando com Marcelo sobre a situação que estamos vivendo no nosso chão comum e, além disso, a expectativa que vem com o pleito eleitoral, pensamos sobre esse material, que chegasse nas mãos das comunidades, dos grupos, e nos ajudasse a fortalecer esse caminho.

A partir desse ponto, digo um pouco do meu pensamento, do que eu penso sobre essa questão de Encantar a Política. Essa proposta de **Encantar a Política**, de renovar, de trazer algo novo, ela é necessária para a atualidade.

Eu penso que muitas pessoas estão desistindo da política, e a política é necessária para a sociedade. A gente precisa de alguém que nos represente, e esse espaço precisa ser preenchido por pessoas boas, pessoas que tenham o dom de liderança, mas liderança para um todo. Se a gente se pensa em uma democracia, eu percebo que a palavra democracia está saindo um pouco do seu contexto. Mas não podemos desistir e, ao contrário, precisamos Encantar a Política. Sim! Nós, sociedade, minorias abraâmicas – como falava Dom Helder Camara –, temos uma missão com essa cartilha, com essas orientações, que a gente construiu. **Essa missão é compartilhada por várias pessoas que acreditam na política de comunhão, na força das minorias que vivem e pensam sobre essa urgência.**

Quando a gente vê tantas coisas erradas que tem acontecido com a política, com pessoas pensando apenas no seu bem-estar e não no bem-estar da sociedade, das comunidades, isso faz com que muitos se distanciem. E realmente é isso que os poderosos e opressores querem: que a gente se distancie e deixemos para eles essa função.

E nós, como sociedade, não podemos pensar dessa forma. A gente precisa trazer a verdade, trazer qual é o papel nosso como sociedade e daqueles que têm o dom de estar à frente. A estes nós devemos dar o nosso voto de confiança, e, a partir daí, também ajudá-los nesse trabalho que resulta em contornar, encontrar as brechas, resolver as situações, pensar o que é melhor para a sociedade. Nós temos essa missão, essa cidadania do dia a dia, que é também um compromisso, uma obrigação.

Não devemos desistir, não devemos exercer o nosso direito de voto e depois ‘deixar para lá’. Eu penso que a gente precisa, neste momento, levar essa ideia de que precisamos reencantar a política. Levar para nossas rodas de conversas, para nossas comunidades, para nossos amigos, para nossos parentes. Precisamos lutar e militar nessa área que é de todos nós.

Talvez alguém pense que só dá para lutar se candidatando diretamente. Sim, essa é uma vocação responsável e uma forma de luta, mas existem muitas outras. Podemos nos colocar à disposição, ajudar os representantes a continuar nos ajudando.

Eu acredito que essa Cartilha vai ajudar a gente a pensar de outra forma, a caminhar juntos com escolha de candidatos que tragam a proposta para a sociedade, um bem comum para todos, não para alguns, mas para todos.

Nesse entendimento, todos nós somos políticos – mesmo sem mandato –, fazemos a política caminhar com a nossa vida, ensinamos um caminho melhor para a sociedade. Não vamos desistir, pois desistir é uma palavra que nós, como sociedade, como militantes, como jovens, como pessoas de várias religiões, não devemos encarnar, e sim sermos ativos como cidadãos desse chão que é de todos nós e de tudo que existe e nos dá a Vida.

Então, vamos juntos, vamos estudar, vamos participar dessas rodas de conversa e, a partir daí, construir um mundo diferente, um reino diferente: esse reino de Deus que a gente acredita, nesse processo de libertação que a gente tem pela frente.

Desejo a você, à sua comunidade, um bom estudo a todos. Que possamos aproveitar essa cartilha nas nossas comunidades, na nossa casa, entre nossos amigos e sempre pensar no diálogo de paz e sem violência.

Abraço a todos,

Gildo Aquino Xucuru

A espiritualidade pode reencantar a Política¹

1. Mas, o que seria ‘encantar’?

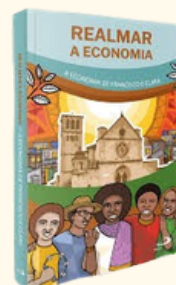
A cultura dominante busca roubar nossos sonhos e, de todos os modos, impedir que nos sintamos cativados pela vida, na teimosia de reimplantar nesse mundo a paz, a justiça ecossocial e o amor solidário como forma de viver.

Já há alguns anos, no Brasil, as pastorais sociais e movimentos populares têm falado em Realmar a Economia e Encantar a Política.

Atualmente, fala-se em reencantar a Política, o que significa recuperar o encanto, a beleza e a energia de amor com que, originalmente, a Política nasceu como “serviço ao bem comum” e à dedicação à polis, isso é a sociedade na qual vivemos.

No entanto, a tarefa de reencantar a Política parece com histórias que nos contavam quando éramos crianças. Havia uma caverna e na caverna um tesouro, mas para chegar lá o herói ou heroína tinha de passar por sete dragões ameaçadores. De fato, não há como chegar à **Política com P maiúsculo**, como Helder Camara denominava, sem passar pela **política com p minúsculo**, que, na maioria das vezes, não passa de politicagem.

É difícil encontrar beleza e encanto nas armações políticas e arranjos que, no momento, parecem como necessários para quem quer ganhar eleições.



BRASILEIRO, Eduardo (org.). *Realmar a Economia. A Economia de Francisco e Clara*. São Paulo: Paulus, 2023.



CONSELHO NACIONAL DE LEIGOS DO BRASIL e outros. *Caderno Encantar a Política*. Brasília: CNBB, 2022.



Política, quando entendida como preocupação com o bem comum e com os direitos fundamentais, não é apenas um direito, mas sim uma obrigação.

Diante de pessoas que se dizem decepcionadas e não querem saber de Política, como ajudá-las a descobrir a Política como o mais belo exercício de convivência humana, se a tragédia que é a configuração do atual Congresso brasileiro parece gritar o contrário.

[1] Redação original de Marcelo Barros e Movimento de Juventudes e Espiritualidades Libertadoras, com a colaboração preciosa de Gildo Aquino Xucuru, Malu Aléssio, Gilvander Moreira, Jonathan Félix, Cláudio Ribeiro, Felipe Teixeira, Toninho Kalunga, Arlefe Noite e Victor Hugo

Não podemos deixar que a Política seja sequestrada por interesses mesquinhos de grupos econômicos e fique escrava da lógica do mercado que transforma sonhos em mercadoria. Não podemos permitir que nossas praças e espaços urbanos pareçam territórios hostis, ou terreno abandonado. Não podemos deixar que a Política seja dominada pelo cinismo, essa doença silenciosa da alma, que convence as pessoas de que nada pode mudar.

Os povos das águas ensinam: rio que para, apodrece. A política também. Quando deixa de correr na direção do bem coletivo, perde oxigênio e torna-se espaço de todo tipo de corrupção. Reencantar a política é fazê-la voltar a ser correnteza: movimento que irriga a esperança, fecunda a justiça e devolve dignidade às margens esquecidas da história. Reencantar a política é devolver alma ao mundo.

As sabedorias populares sabem algo que os grandes sistemas esquecem: toda terra aparentemente morta ainda guarda sementes dormindo por baixo do chão rachado. O sertanejo olha o céu meses sem chuva e, mesmo assim, continua preparando a terra. Há uma pedagogia profundamente espiritual nisso. **Reencantar a política talvez seja exatamente recuperar essa teimosia amorosa de quem continua acreditando na vida coletiva, mesmo quando o cenário parece árido.**

Para tornar a sociedade mais humana, mais digna da pessoa, é necessário revalorizar o amor na vida social – nos planos político, econômico, cultural – fazendo dele a norma constata e suprema do agir.



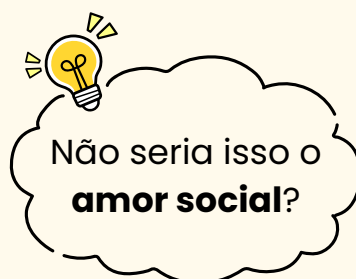
Seja como for, não há outra solução a não ser reencantar a política, ou seja, resgatar o seu propósito fundamental: a busca pelo bem comum e a construção da justiça social, agrária, urbana e ambiental.

O analfabetismo político empurra os povos para a pior de todas as políticas, que é a da direita e extrema-direita: a Política na linha dos novos fascismos.

Como toda espiritualidade humana vê na água o sacramento da presença divina e do renascimento contínuo da vida, é preciso descobrir na Política o seu DNA, que é o **amor social**.

Isso significa também compreender que Política também acontece

- quando uma avó reparte o pouco feijão que tem,
- quando jovens ocupam a escola com sonhos,
- quando uma comunidade protege sua nascente,
- quando um grupo protege as nascentes que existem no entorno,
- quando educadores insistem em formar consciência crítica em vez de apenas treinar competências.



Vivemos o amor social como forma de fazer Política quando aprendemos a reconhecer que a outra pessoa não é concorrente na luta pela sobrevivência, mas companheira de travessia.



2. Política, VOCAÇÃO/ MISSÃO e não apenas PROFISSÃO:

Desde o mundo antigo, Aristóteles já declarava que o ser humano é um "animal político" (zoon politikon). Ele justificava essa definição com o argumento de que, no mundo, existem muitos animais de natureza gregária (vivem em bandos), mas só o ser humano constrói cultura, ou seja, aprimora o ambiente para viver em sociedade na pólis (cidade). Conforme Aristóteles, fazer política, (organizar a sociedade) não é opção. É uma necessidade inerente à natureza e condição humana. Para o filósofo, alguém que vive isolado de uma comunidade estruturada é, de certa forma, sobre-humano (divino) ou, ao contrário, **uma pessoa que perdeu a sua humanidade**.

Viver isolados como se estivéssemos sós em uma ilha torna a vida um tédio e sem sentido. Há necessidade de organizarmos a convivência social de forma justa, ética e amorosa. Se não participamos da Política, os mais espertos e poderosos farão a organização social que lhes interessa.

Em seu livro "A Política como vocação", Max Weber define como Política a liderança ou a influência exercida sobre o poder, especialmente dentro de um Estado.



WEBER, MAX. A Política como Vocação. Brasília: UNB, 2003

Na visão desse autor clássico, a política engloba qualquer atividade de participação, disputa ou tomada de decisão que visa influenciar o poder entre Estados ou entre grupos dentro de um mesmo Estado. Conforme esse autor, como é organizado no mundo moderno, o Estado detém o monopólio do uso legítimo da força física dentro de um determinado território ou país.

Portanto, o exercício da Política só pode ser realizado dentro dessas leis do Estado e do seu domínio sobre toda ação política. A partir daí, o autor conclui que toda atividade política exige uma base ética e ele a define como Ética da convicção (quem é bom político age por convicção e não por conveniência) e Ética da responsabilidade (tem em vista as consequências dos seus atos).

Max Weber afirmou isso a partir do conhecimento que tinha e de como via a sociedade europeia, no início do século XX. Infelizmente, na sociedade dominante, os Estados são organizados, a partir dos interesses da classe social, que tem poder econômico e faz as leis para continuar a dominar e a explorar as classes oprimidas.

Atualmente, as pessoas, grupos e partidos declaram-se de direita ou de esquerda, de acordo com aquilo pelo qual lutam.

- É de direita quem vota para que a elite social e econômica continue a mandar no país e garanta os seus privilégios sociais e econômicos.
- É considerado de esquerda grupo ou partido que tenha como objetivo defender os direitos das categorias mais oprimidas da sociedade e que considere o bem-comum como prioritário.

Fica o desafio: como no mundo laico e pluralista, a Política é mesmo a luta pela conquista do poder em seus diversos níveis (executivo, legislativo e judiciário), mas deveria ser para colocar esse poder a serviço da sociedade como um todo e, particularmente, a serviço das categorias mais empobrecidas e exploradas.

O sociólogo polonês Zigmunt Bauman afirmava que a segurança de uma ponte ou viaduto depende inteiramente da sua viga mais fraca. Se ela ceder, toda a estrutura entra em colapso, independentemente do fato de que os outros pilares e vigas podem ser os mais fortes possíveis. Se houver uma vida frágil, tudo pode cair.



BAUMAN, Zygmunt. Vidas Desperdiçadas. São Paulo: Zahar, 2005.

Portanto, uma sociedade é sadia, de acordo como vive sua parte mais fragilizada e não a parte mais forte. Portanto, as desigualdades sociais e a diferença cada vez maior entre as classes sociais tornam a sociedade doente e perigosa.

É compreensível que pessoas das periferias urbanas e do campo, muitas vezes, esquecido pelos poderes organizados, possam pensar: *“Seja quem for a pessoa eleita, para nós, que vivemos aqui e somos pobres, isso não muda nada. É tudo igual. Seja direita, seja esquerda, nós não valem nada. Então, para que preocupar-se com Política?”*

Mesmo se há razões para pensar assim, é preciso compreender que as mudanças só poderão vir das bases, ou seja, da capacidade das pessoas se organizarem e lutarem por seus direitos coletivos e pessoais.

Em uma cidade, a cada ano, pessoas que moram perto de um rio, veem suas casas tomadas por enchentes e perdem tudo. Em um desses dias, uma dessas moradoras queixou-se:

- Há 40 anos, minha família mora aqui e isso nunca mudou. A cada anos, temos de deixar a casa para não morrer e perdemos nossos bens.

Perguntei: *- Mas, nas eleições, vocês desse bairro, votam em quem?*

Quando olhamos as populações indígenas, sempre foram as mais marginalizadas e sem direito a nada. Foi por acreditarem na Política e aprenderem em quem devem votar que, atualmente, alguns grupos indígenas reconquistaram suas terras, podem educar suas crianças na cultura original e alguns até têm representantes nas câmaras de vereadores da cidade, nas assembleias estaduais e mesmo no Congresso Nacional. E foi por perceberem que vale a pena ter consciência política e votar corretamente que conquistaram isso e podem continuar a luta para terem todos os seus direitos reconhecidos.

A **Política como profissão** diz respeito às pessoas que têm função pública e na política partidária, representativa. É profissão de alguém que ocupa cargo, seja no poder executivo, legislativo ou judiciário. Mas também pode ser a profissão de alguém liberado para ser liderança de sindicatos ou de associações de bairro, conselheiros tutelares da infância e adolescência e outros cargos públicos.

Quem vive a política como profissão tem ainda maior responsabilidade de compreendê-la como vocação/missão humana, orientada ao cuidado com a vida coletiva. Mais ainda, para quem cultiva uma dimensão espiritual da existência, a Política é vivida como expressão de compromisso profundo com a dignidade humana, o sentido e o bem comum, na qual encontramos o rosto divino do Espírito.

Nas Igrejas Cristãs, um dos maiores desafios não está apenas nas grandes estruturas, mas na forma como a autoridade é exercida no chão das comunidades. Quando pastores, padres ou bispos deixam de compreender sua missão como serviço e passam a exercê-la como domínio, produzem medo, silêncio e exclusão.

Ao inviabilizarem a plena participação do povo de Deus, esses ministros traem sua vocação eclesial (Igreja deve ser sempre assembleia e como dizia o Papa Francisco: a sinodalidade deve ser o modo normal de ser Igreja).

O mesmo vale para a vida pública. Os "manda-chuvas" locais que se apropriam da função pública para atender interesses particulares podem ser tão perversos quanto os grandes corruptos que frequentam as manchetes nacionais, com banqueiros, financiando desvio de dinheiro público, disfarçados de filmes e participando de esquemas que desviam recursos destinados aos aposentados e pensionistas do INSS.

Em muitas pequenas cidades do interior, o abuso de poder, o clientelismo e a perseguição aos que pensam diferente tornam-se práticas naturalizadas, atingindo sobretudo os mais pobres e aqueles que ousam questionar os privilégios estabelecidos.

Em uma sociedade, corrompida pelo individualismo e pela competição social e econômica, ninguém está totalmente isento da tentação do autoritarismo e do buscar o próprio benefício. Mesmo para as pessoas mais íntegras e bem-intencionadas, a cada dia, o problema se apresenta. Há muitas dificuldades e obstáculos, mas não podemos ceder à descrença. É urgente denunciar a política do cinismo, distinguir os verdadeiros políticos, daqueles que são mercenários e **ensaiar de novo a Política, como espaço cotidiano de vivência do cuidado, do diálogo intercultural e da solidariedade com toda a humanidade, principalmente, com as camadas mais empobrecidas da população e com os direitos da Mãe-Terra.**

Na nossa sociedade, a Política como profissão realiza-se nas nossas organizações de base e nas associações de classe. No entanto, em termos nacionais, ela depende principalmente da Política partidária e representativa. Por isso, é fundamental exercermos com consciência e com muita responsabilidade o nosso direito de voto. É o nosso voto que decidirá os rumos que o país, o estado e a cidade tomarão nos próximos quatro anos.



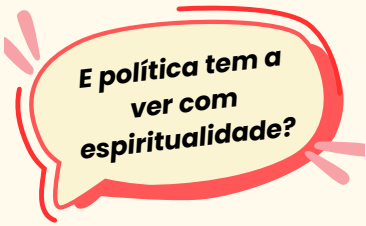
É importante compreendermos o mais possível os programas dos diversos partidos e formarmos critérios objetivos para dar a alguém o nosso voto. **Sempre que possível, damos nosso voto a quem se compromete com as mudanças fundamentais que melhorem a vida dos pobres.**

Vocação política, todos e todas nós temos. As formas de vivê-la é que podem mudar. A maioria de nós vivemos a Política na organização da nossa casa, na participação e cuidado com os problemas do bairro, nos grupos e comunidades dos quais participamos. No entanto, temos de respeitar e apoiar os companheiros e companheiras que, seja em nome da comunidade, seja da sociedade mais ampla exercem cargos políticos e têm como vocação a Política parlamentar ou representativa, seja no poder executivo (governo), seja no poder legislativo (congresso, assembleia ou câmara de vereadores). Eles assumem a Política como profissão, mas a exercem como vocação, porque a vivem como serviço ao povo. E isso, ensina a doutrina das mais antigas Igrejas cristãs: é caminho de espiritualidade.



3. Como a Política tem a ver com Espiritualidade?

Desde a antiguidade, as diversas comunidades e tribos organizaram-se a partir de algo que hoje chamamos de espiritualidade, ou seja, a vocação para transcender ao imediato e colocar-se em relação com o mais profundo de si mesmo e do universo.



E política tem a ver com espiritualidade?

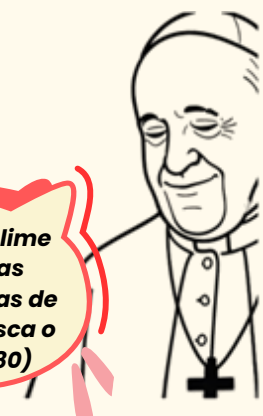
A Paleontologia mostra que desenhos em cavernas e esculturas que remontam a milênios apontam para a vocação espiritual do ser humano: ele é como antena ligada ao mais além.

Em 1968, Stanley Kubrick mostrava isso no filme “2001, uma odisseia no espaço”. Conforme a narrativa do filme, nas mais diferentes etapas de vida da humanidade, desde os tempos do humanoide, ainda mais macaco do que ser humano, até os novíssimos tempos das viagens espaciais, é ao ouvir um som vindo de um monolito misterioso, que o ser humano avança em seu caminho e vai sempre abrindo caminhos e descobrindo novos horizontes de vida e de convivência.

O som interior que nos chama a sempre ir além de nós mesmos é a espiritualidade e a forma de fazer esse caminho é sempre política.

Consiste naquilo que na encíclica Fratelli Tutti, o Papa Francisco chama “A melhor Política.

PAPA FRANCISCO. Encíclica Fratelli Tutti (Somos todos irmãos e irmãs). Cidade do Vaticano, 2020. Capítulo 5: A Melhor Política. Cf. Ns 154 a 197.



A política é uma sublime vocação, é uma das formas mais preciosas de caridade, porque busca o bem comum. (FT 180)

Na segunda metade do século XX, vários bispos católicos, como Helder Camara no Brasil, Leónidas Proano, no Equador e Oscar Romero, em El Salvador, assim como pastores evangélicos como Martin-Luther King nos Estados Unidos e Frederico Pagura, na Argentina, manifestavam seu espanto e tristeza pelo fato de que os países de maior desigualdade social e aqueles que mais oprimem outros povos sejam aqueles que se dizem de cultura cristã.

No momento atual, vemos não poucos padres e pastores, grupos católicos e evangélicos, defenderem a manutenção dessas estruturas sociais e políticas injustas. Não veem nisso nenhuma contradição com a palavra de Jesus no evangelho:

*“Os poderosos desse mundo exercem poder sobre ele e os que têm autoridade são chamados benfeitores. Entre vocês, não deve ser assim. Ao contrário, que quem entre vocês for o mais importante torne-se como o menor e quem governa, o faça como quem serve”.
(Lc 22, 25 – 26).*

De fato, Jesus propunha que sua pequena comunidade fosse como ensaio, profecia que aponta para um novo mundo possível.

Infelizmente, essa proposta de Jesus nunca foi obedecida nem dentro da Igreja, nem fora. Já nos primeiros tempos da Igreja, as comunidades interpretaram os ministérios (serviços) como hierarquia (poder) e, a partir daí, o poder nas Igrejas chega a ser mais totalitário e absoluto do que no mundo, no qual a sociedade já se conquistou, ao menos, a democracia representativa.

O Evangelho de Jesus nos manda olhar o mundo e a vida a partir das pessoas empobrecidas e marginalizadas. Isso foi o que Jesus fez e nos mandou fazer. Principalmente, em uma sociedade organizada a partir das desigualdades sociais e das injustiças, **é a opção prioritária pelas pessoas e grupos empobrecidos que deve ser nosso critério de atuação social e política.** Na Bíblia, a justiça divina é sempre libertadora e a favor das pessoas oprimidas. Em nossos dias, Dom Pedro Casaldáliga nos aconselhava: “No caso de dúvida, fique sempre do lado das pessoas empobrecidas”.

**“No caso de dúvida, fique sempre do lado das pessoas empobrecidas”.
Dom Pedro Casaldáliga**



Em princípio, uma Igreja cristã não deveria ser partidária, visto que ela tem vocação de ser aberta a todos e todas e a sua proposta para a sociedade é o projeto divino no mundo que vai além de todas as propostas de partido. No entanto, se é verdade que a Igreja, por vocação, não é partidária, não quer dizer que ela deva ser apartidária. Se a sociedade política se apresenta de um modo que, claramente, alguns partidos defendem os interesses da elite que manda no país e representa menos de 10% da população brasileira e outros partidos defendem políticas favoráveis às camadas mais empobrecidas e oprimidas do povo, uma Igreja cristã não pode ser politicamente neutra.

Ela não pode ser partidária, porque é pluripartidária e não apartidária. Ela deve ajudar as pessoas crentes e não crentes a votar pela justiça, pelos direitos das minorias e pela defesa da ecologia integral.

ATENÇÃO

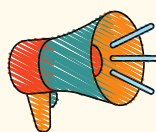


Cerezo Barredo

Em eleições como essa que temos em 2026, como nunca, o Brasil é colocado diante de dois caminhos: aprofundar a frágil democracia que a muitos custos, conseguimos consolidar ou, ao contrário, caminhar para a barbárie de novos sistemas totalitários, baseados no ódio, na intolerância e na supremacia do domínio econômico. Por isso, quem vota a favor da direita, vota contra o projeto divino no mundo que é de justiça, paz e cuidado com a criação.

Sem dúvida, uma das grandes violências produzidas pela modernidade tenha sido separar aquilo que, na vida real, nasceu junto: **espiritualidade** e **convivência humana**. Como se espiritualidade fosse apenas assunto do templo, enquanto política fosse somente disputa de poder. Como se uma cuidasse da alma e a outra apenas da administração da cidade. Mas os povos antigos jamais compreenderam assim. Para eles, viver era ato integral. O sagrado estava no modo de plantar, de repartir o pão, de cuidar das águas, de organizar a tribo, de celebrar os ciclos da vida e de proteger as pessoas e grupos mais vulneráveis.

A espiritualidade nasce justamente quando o ser humano percebe que não vive apenas para sobreviver. Há algo dentro dele que resiste a ser reduzido ao consumo, ao instinto ou à lógica do lucro. Existe uma fome de infinito escondida até nos gestos mais simples. O problema é que o sistema atual nos treinou para anestesiar essa escuta interior. Vivemos hiperconectados e, ao mesmo tempo, profundamente desconectados do essencial, como diria o poeta e cardeal português, Tolentino Mendonça: passamos pelas coisas sem as habitar.



Vamos conversar um pouco?

Qual sua experiência pessoal sobre as ideias que aqui apresentam a Política como vocação/missão, ou como profissão?

Como, atualmente, você exerce sua vocação/missão política?

4. Guia para a amorosidade e do cuidado

É preciso, nas Igrejas, recuperar o segredo mais profundo da fé e do culto, assim como, no mundo, recuperar o sentido mais profundo da Política.

A verdadeira Política tem um encanto que moveu vidas de muita gente. Quantos mártires deram a vida por acreditarem em uma Política verdadeiramente digna e generosa?

**SÓ TEM ESPIRITUALIDADE
NO CULTO E NA IGREJA?**

Jesus orou no alto das montanhas e viveu sua espiritualidade ao curar doentes e comer com as pessoas marginalizadas da sociedade. Na vida social, há sempre espaço para segredos e sentidos mais profundos.

Como explicar racionalmente as amizades que temos, as simpatias que cada um e cada uma de nós desenvolve no dia a dia? No plano político, conheci um companheiro que fez vigília e jejum quando Lula foi preso injustamente e acreditava profundamente que ele (Lula) tinha mudado em relação à opção pela Ecologia Integral.

Quando Lula declarou-se favorável à exploração de petróleo na foz do Amazonas, ficou decepcionado e mesmo revoltado. Armou-se de um documento e estava disposto a assim que pudesse externar sua revolta. Teve oportunidade quando em um evento político, Lula foi convidado, veio e iria ficar a dois metros dele. Ele se aproximou e ia dizer-se revoltado publicamente e entregar o documento. Quando Lula entrou e começou a abraçar as pessoas uma por uma e olhou para ele, desarmou-o interiormente.

Mais tarde, ele lamentou isso e continuou revoltado, mas seja justificado ou não, o que ele sentiu foi algo misterioso e profundo que só se explica na linha do encantamento, ou seja, um outro estilo de comunicação afetuosa e mística que envolve as pessoas.

Comumente as pessoas dizem: Fulano tem carisma. Diferente de alguém que pode ter competência, pode ter razão e profundidade, mas não tem a capacidade de seduzir e encantar pelo olhar, pela simpatia ou simplesmente pela presença física.



Cerezo Barredo



Quando pensamos em latino-americanos políticos, recordamos figuras que admiramos por sua coerência interior, mas também pela energia espiritual com que viveram a Política. Quem conheceu de perto José Mujica, Hugo Chávez, Eva Peron, Fidel Castro, Paulo Freire e outros podem testemunhar isso.

Quem já esteve em encontros com a ministra Marina Silva reconhece isso, mesmo se discordar de alguma posição dela. Em outros lugares do mundo, Nelson Mandela, Gandhi, Martin-Luther King, só para citar os já falecidos, cada qual com sua fragilidade humana e sem dúvida com seus defeitos, fizeram de sua vida, exemplo de serviço amoroso social e político.

Oremos com Dom Helder Camara a sua oração de profeta:



*Peregrino da Paz
devo clamar por justiça,
trabalhar por ela
lutar, pacificamente,
mas lutar
para que a justiça
prepare os caminhos da paz*

*mas há um trabalho sagrado
a empreender,
antes, durante e depois:
amorizar o Mundo,
amorizar a Vida!*

*Sem medo!
Amorizar,
semear Amor
difundir o Amor
é levar-te aos Homens,
pois és o Amor!.*

Campina Grande, 12/13 de agosto de 1979



Vamos conversar mais um pouquinho?

Você conheceu ou conhece alguém que vive a vocação política assim como testemunho de espiritualidade?

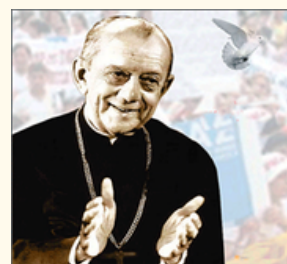
E você mesmo, você mesma, tem deixado aflorar em sua pele e em seu olhar sua capacidade amorosa e relacional plena?



5. O reencantamento da Política Partidária Representativa

Em 1971, o Papa Paulo VI afirmava que a Política é “a forma mais sublime de caridade cristã” (Cf. Octogesima Adveniens, n. 46)”. No entanto, fazia uma série de considerações sobre como a Política não pode deixar-se prender por ideologias e por interesses pessoais ou grupais. Era como se o papa apontasse para uma utopia a ser olhada e admirada, mas em um mundo no qual a realidade parecia afastar sempre mais aquilo que era daquilo que deveria ser.

De fato, foi em países dominados por ditaduras que, **no Brasil, Helder Camara e, em El Salvador, Oscar Romero**, falavam na dignidade da Política e de Política com P maiúsculo.



Ao fazerem isso, não apontavam apenas para um ideal longínquo e teórico. Denunciavam crimes como torturas e desaparecimento de pessoas, mas, ao mesmo tempo, organizavam grupos e movimentos de resistência e de apoio à defesa do povo oprimido.

Dialogavam com militantes pela democracia e valorizavam as ações de cidadania política.

Hoje, vemos as comunidades indígenas reverenciarem rios, montanhas e matas, como moradas dos encantados. No entanto, onde essas comunidades encontrariam, hoje, rios límpidos e transparentes, montanhas ainda totalmente preservadas e matas originais? Se fossem exigir isso, não teriam mais como exercer sua espiritualidade. Eles fazem seus cultos e honram seus ancestrais ao reverenciar os rios mesmo poluídos, as montanhas feridas por mineradoras, por estradas asfaltadas e por outros sinais de destruição, assim como as matas do jeito que hoje as encontram.

Será que não é isso a que somos chamados quando falamos em “reencantar a Política”?

De fato, o termo reencantar é muito apropriado, porque apela para uma transformação do nosso olhar e, ao mesmo tempo, provoca mudanças no objeto de nosso encantamento.

Conforme Cervantes, Dom Quixote, o cavaleiro errante, ao olhar a prostituta Aldonza, vê nela a nobreza de uma dama e a chama de Dulcineia.

Em torno, as pessoas consideram-no louco.

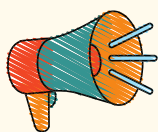


No entanto, pouco a pouco, algo faz com que Aldonza tome consciência de que a visão daquele homem estranho não é apenas delírio. É revelação de algo submerso no mais profundo do seu ser e essa descoberta a faz caminhar em direção ao sonho que parece impossível. Assim, é a nossa tarefa de reencantar a Política: revelar a Dulcineia que existe oculta em toda Aldonza.

Assim como o povo de terreiro vê lemanjá vindo sobre as ondas do mar para receber as flores que lhes são oferecidas e na lagarta pode-se, antecipadamente, vislumbrar a beleza da borboleta, vale a pena encararmos os obstáculos e resgatarmos o encanto da Política como exercício de amorosidade e caminho da realização do projeto divino no mundo.

Há muitos anos, o poeta Marcos Barbosa escrevia: ***“Varredor que varres a rua, tu varres o reino de Deus”***.

Nossa tarefa é essa: revelar que a sociedade, mesmo com todas as suas contradições, está grávida do espírito divino. Se o evangelho diz que a Palavra se fez carne, Pedro Casaldáliga dizia: fez-se índio. Podemos, hoje, dizer: **faz-se política libertadora**.



Mais um pouco dessa conversa importante...

O que essa reflexão lhe diz hoje?

Como ligar isso com o que Jesus falou ao comparar o projeto do reinado divino com fermento na massa, luz nas trevas e sal na terra e na comida?

6. Só a espiritualidade profética pode reencantar a vida

Desde o começo da nossa conversa, alguém pode estar pensando que estamos falando de mística na linha que o MST fala e pratica, mas não em si, de espiritualidade. De fato, me parece que falamos das duas dimensões:

1. da **mística** como motivação que vai além da razão intelectual e
2. da **espiritualidade** como dimensão amorosa e de fé no projeto divino que se manifesta mesmo nas ações cotidianas e aparentemente rotineiras.

É claro que quem confunde espiritualidade com devoção ritual ou com espiritualismo não vai perceber encanto na ação social e política.

Só quem parte da espiritualidade evangélica que privilegia a Palavra praticada. “Nem toda pessoa que diz: Senhor, Senhor, entrará no reinado divino (ou seja, participará do projeto divino) e sim quem, efetivamente, faz a vontade do meu Pai que está nos céus” (Mt 7, 21).

Então, o que determina a espiritualidade evangélica é a prática profética que consiste em fazer as coisas a partir da proposta dos empobrecidos/empobrecidas e injustiçados/as da vida, na perspectiva do projeto divino de justiça ecossocial e da Paz para o mundo.

Isso se concretiza em ligar a fé com todo projeto concreto que favorece a vida do povo e a sustentabilidade da Terra.

Em muitos caminhos espirituais, a água como mãe da vida é morada dos encantados e sacramento do amor divino.

No evangelho, Jesus promete que do seu seio jorrariam rios de água viva e ele falava do Espírito Santo que haveriam de receber todas as pessoas que cressem nele (Cf. Jo 7, 37- 39).



Cerezo Barredo

Assim, podemos compreender que toda luta pelo direitos dos rios e pela água como bem universal e direito de todo ser vivo é política espiritual e exercício de espiritualidade profética. E quanto mais pudermos ligar isso com a celebração da fé, mais consistência damos ao sentido mais profundo da Política.

Por exemplo: em toda ação que leva à segurança alimentar, quem é cristão pode ver a mesa eucarística, preparada para a partilha do corpo divino e quem é de terreiro, sentir-se-á comungando com a comida de santo.

Quem participa do Toré em uma comunidade indígena, ao beber a jurema sagrada ou ao dançar no Santo Daime, vive a eucaristicidade da vida e a sacramentalidade da comunhão do Cristo. Pouco importa se o condutor é o Caboclo Juramadã ou um Orixá do Candomblé ou da Umbanda.

O importante é a cumplicidade amorosa e mística que o Espírito cria entre nós e com a comunidade que celebra e que é chamada a viver isso no caminho de uma política consciente e libertadora, a serviço dos setores mais oprimidos dos nossos povos.

Cerezo Barredo



Em todo projeto de defesa dos direitos da classe trabalhadora, é a própria Páscoa de Jesus que se renova. Quem é pentecostal vibre com o Espírito que vem falar todas as línguas para expressar que a fé e a esperança podem acabar, mas o amor não passará (1 Cor 13).

Quem é católico, luterano, episcopal anglicano, metodista ou de outra Igreja histórica, pode ver no exercício consciente e participativo de sua cidadania social e política a experiência do Cristo que diz: “eu não vim para ser servido, mas para servir.” (Mc 10, 45). E assim, pode testemunhar que a palavra de Jesus “o que fizestes a um desses pequeninos, é a mim que fizestes” (Mt 25, 40) torna-se inútil, se não tratamos as pessoas empobrecidas e exploradas, não como indivíduos isolados e sim como povo organizado, ao qual, em nome de Jesus, somos enviados a servir, através de uma Política, verdadeiramente dirigida para a justiça social e a sustentabilidade da vida.

Quem é de Candomblé, reviverá em nossos dias e, em cada conquista social e política, a tradição, conforme a qual Oxalá foi tirado da prisão e reempossado como rei. Cada direito político reconquistado é como a festa correspondente ao que, nos terreiros, festeja-se nas águas de Oxalá.

Se nos unirmos para reencantar a Política, reencantaremos nossas relações afetivas, redescobriremos o encanto que torna belo cada sorriso e cada gesto de carinho. Saberemos que o tempo gasto no convívio é nossa melhor oração e toda forma de amor vale à pena.



E descobriremos a maravilha que é viver a vida se doando aos irmãos e irmãs na construção de uma sociedade justa, respeitosa e solidária.

Reencantar a Política fará com que a elite do atraso compreenda que não investir em combustíveis fósseis é proteger o encanto divino na natureza e garantir a sustentabilidade da vida para os nossos filhos e nossos netos e netas.

Ao pensar em oferecer um mundo mais sadio à geração que virá, ninguém mais, em sã consciência, querará explorar novos poços de petróleo na foz do Amazonas, ou seja lá onde for. No passado e no presente, há propostas de Cristandade colonial que tenta sacralizar o que é social e político no sentido de políticos que aparecem em liturgias de massa, em propostas que vão contra a laicidade do Estado e a pluralidade dos caminhos humanos e espirituais.

Quem é católico, luterano, episcopal anglicano, metodista ou de outra Igreja histórica, pode ver no exercício consciente e participativo de sua cidadania social e política a experiência do Cristo que diz: “eu não vim para ser servido, mas para servir.” (Mc 10, 45). E assim, pode testemunhar que a palavra de Jesus “o que fizestes a um desses pequeninos, é a mim que fizestes” (Mt 25, 40) torna-se inútil, se não tratamos as pessoas empobrecidas e exploradas, não como indivíduos isolados e sim como povo organizado, ao qual, em nome de Jesus, somos enviados a servir, através de uma Política, verdadeiramente dirigida para a justiça social e a sustentabilidade da vida.

Quem é de Candomblé, reviverá em nossos dias e, em cada conquista social e política, a tradição, conforme a qual Oxalá foi tirado da prisão e reempossado como rei. Cada direito político reconquistado é como a festa correspondente ao que, nos terreiros, festeja-se nas águas de Oxalá.

Nada desse tipo de espiritualismos. A proposta do reencantar a Política e realmar a Economia é o oposto.



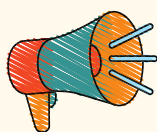
É humanizar e descobrir a dimensão sagrada no próprio seio da Política e sem pretender dar a ela nenhuma capa cristã, ou de qualquer outra religião e sem nenhum tipo de espiritualismo. É o próprio chão social e político que é visto como espiritual e em si mesmo encarnação do sagrado.

Deus não cabe mais apenas dentro das molduras religiosas que aprendemos a repetir. O Espírito sopra para além das fronteiras institucionais, atravessa terreiros, aldeias, cozinhas comunitárias, ocupações populares, celebrações simples e corpos cansados que, apesar de tudo, continuam a acreditar na vida. O sagrado não pede passaporte religioso para acontecer. Ele floresce onde a vida é cuidada.

A sabedoria popular sempre soube disso. O povo pobre nunca separou completamente o céu da terra. Nas festas de largo, nas procissões, nos sambas de roda, nos terreiros, nos mutirões e nas romarias, o povo aprendeu a orar com o corpo inteiro. Há uma teologia escondida no café repartido, no prato feito para quem chega, na água oferecida a quem visita, na sombra cedida no calor do meio-dia. Tudo isso é liturgia da vida.

Aí que mora a transcendência mais revolucionária: descobrir que **Deus não nos chama para escapar da história, mas para humanizá-la.**

E a Política se revelará como a arte brincante da beleza do cuidado e do carinho social. E, em nosso dia a dia, viveremos o ensaio dos novos céus e novas terras nos quais todos nós poderemos ver e sentir a morada divina no meio de nós. E o Amor Divino poderá, de novo, dizer: "Sou eu que faço novas todas as coisas" (Ap. 21, 5).



E nossa conversa continua e nos envia...

Como podemos viver nós, como grupo ou movimento, essa tarefa de realmar a nossa economia e reencantar a nossa Política?

Como podemos agir nessa linha nesse ano de campanha eleitoral e em preparação ?

PARA CANTAR E ENCANTAR...



1. Momento Novo

Ernesto Cardoso

1. Deus chama a gente pra um momento novo
de caminhar junto com seu povo.
É hora de transformar o que não dá mais.
Sozinho, isolado, ninguém é capaz.

Por isso vem, entra na roda com a gente também.
Você é muito importante! (bis)

1. Não é possível crer que tudo é fácil;
há muita força que produz a morte
gerando dor, tristeza e desolação,
é necessário unir o cordão!

3. A força que hoje faz brotar a vida,
atua em nós pela sua graça.
É Deus quem nos convida pra trabalhar,
o amor repartir e as forças juntar.



2. Floriô

Zé Pinto – MST

Arroz deu cacho e o feijão floriô,
milho na palha, coração cheio de amor.

Povo sem terra fez a guerra por justiça
visto que não tem preguiça este povo de pegar
cabo de foice, também cabo de enxada
pra poder fazer roçado e o Brasil se alimentar.

Com sacrifício debaixo da lona preta
inimigo fez careta, mas o povo atravessou
rompendo cercas que cercam a filosofia
de ter paz e harmonia para quem planta o amor.

Erguendo a fala gritando Reforma Agrária,
porque a luta não
para quando se conquista o chão
fazendo estudo, juntando a companheirada
criando cooperativa pra avançar a produção.



3. Floresça

Saulo Fernandes

Por onde for, floresça
Serena, que nem água de poço
Risque a palavra feia
E que não falte fé
Converse com o céu
E convença o universo
A girar no seu tempo
Por onde o vento assoviar
Converse com o céu
E convença o universo
A girar no seu tempo
Por onde o vento assoviar
Navegue em maré que flui
Como cafuné em silêncio
Ama o sol que é tão bonito
E ainda acredita no mundo
Que o amor é a melhor companhia
E a luz do abraço cresceu o desejo
De eternizar a respiração
Por onde for, será seguro
Estarei com você
E tudo que a gente aprendeu é liberdade
Por onde for, leve seu guia, o coração
E tudo que a gente aprendeu é liberdade
Por onde for, leve seu guia, o coração



4. Samba da Utopia

Jonathan Silva

Se o mundo ficar pesado
Eu vou pedir emprestado a palavra
poesia
Se o mundo emburrecer
Eu vou rezar pra chover a palavra
sabedoria
Se o mundo andar pra trás
Vou escrever num cartaz a palavra
rebeldia
Se a gente desanimar
Eu vou colher no pomar a palavra
teimosia
Se acontecer afinal
De entrar em nosso quintal
a palavra tirania
Pegue o tambor e o ganzá
Vamos pra rua gritar
a palavra utopia



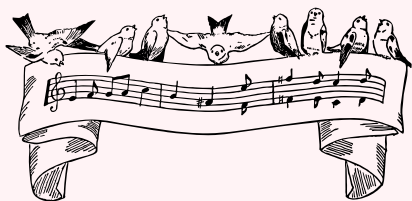
5. Utopia

Zé Vicente

Quando o dia da paz renascer,
Quando o Sol da esperança brilhar,
eu vou cantar.
Quando o povo nas ruas sorrir,
e a roseira de novo florir, eu vou cantar.
Quando as cercas caírem do chão,
Quando as mesas se encherem de pão,
eu vou cantar.
Quando os muros que cercam os
jardins, destruídos,
então os jasmims vão perfumar.

Vai ser tão bonito se ouvir a canção,
cantada de novo,
No olhar da gente a certeza do irmão,
reinado do povo (2x)

Quando as armas da destruição,
destruídas em cada nação,
eu vou sonhar,
e o decreto que encerra a opressão,
assinado só no coração vai triunfar
Quando a voz da verdade se ouvir
e a mentira não mais existir, será enfim,
tempo novo de eterna justiça,
sem mais ódio, sem sangue ou cobiça,
vai ser assim



6. Liberdade

Zé Martins

Liberdade vem e canta
e saúda
este novo Sol que vem.
Canta com alegria
o escondido amor
que no peito tem.
Mira o céu azul, espaço aberto
pra te acolher – bis



Liberdade vem e pisa
este firme chão de verde ramagem.
Canta louvando as flores
que ao bailar do vento fazem sua
mensagem. Mira estas flores,
abraço aberto pra te colher – bis

Liberdade vem e pausa
nesta dura América triste vendida.
Canta com o teu grito
nossos filhos mortos e a paz ferida.
Mira este lugar, desejo aberto
pra te acolher – bis

Liberdade, liberdade,
és o desejo que nos faz viver.
És o grande sentido
de uma vida pronta para morrer.
Mira o nosso chão,
banhado em sangue pra reviver.
Mira a nossa América,
banhada em morte pra renascer.

Referências Bibliográficas:

- BAUMAN, Zygmunt. **Vidas Desperdiçadas**. São Paulo: Zahar, 2005.
- BRASILEIRO, Eduardo (organizador). **Realmar a Economia: A Economia de Francisco e Clara**. São Paulo: Paulus, 2023.
- CONSELHO NACIONAL DE LEIGOS DO BRASIL e outros. **Caderno Encantar a Política**. Brasília: CNBB, 2022.
- PAPA FRANCISCO. **Encíclica Laudato si** (Sobre o cuidado da Casa Comum). Cidade do Vaticano, 2015
- PAPA FRANCISCO. **Encíclica Fratelli Tutti** (Somos todos irmãos e irmãs). Cidade do Vaticano, 2020.
- PAPA PAULO VI. **Carta apostólica Octogesima Adveniens**. Cidade do Vaticano, 1971.
- WEBER, Max. **A Política como Vocação**. Brasília: UNB, 2003.

Palavras finais

Encantar a Política se mostra como um ato profético, mas, sobretudo, como um ato de uma comunidade de profetas.

Ao considerarmos o texto de Mateus 23:37, quando Jesus compara o povo de Jerusalém a pintinhos e declara seu amor maternal por ele, podemos perceber seu reconhecimento de que muitos profetas haviam sido enviados para anunciar a vontade do Criador a respeito do modo pelo qual se pode experimentar a comunidade, as relações e a vida em seus mais diversos aspectos.

Esse caminho anunciado pelos profetas indica que a experiência do comum ocupa um lugar de prioridade entre aquilo que verdadeiramente importa. Talvez seja justamente para esse lugar que Marcelo Barros e o Movimento de Juventudes e Espiritualidades Libertadoras (MEL) nos conduzem ao apontar o caminho por onde devamos voltar o nosso olhar quando nos abrimos ao reencantamento.

Esse modo comunitário de existir é comparado à segurança que os pintinhos encontram debaixo das asas de sua mãe: um lugar onde a moradia é direito de todos e o alimento é partilhado por todos, porque as asas que protegem a comunidade manifestam a dignidade como dimensão do sagrado.

Ao mesmo tempo em que a comunidade de profetas se vê vulnerável diante da violência da perseguição com que Jerusalém os mata, a profecia não é esvaziada de seu encantamento. Ela é fundamento para uma política que se abre a novos florescimentos, mesmo em meio à aridez. Assim, o cultivo permanece vivo: uma mística renovada pela promessa de uma farta colheita, capaz de reparar os tempos de escassez.

Géssica Dias e Josias Vieira Kaeté



**A ESPIRITUALIDADE PODE
REENCANTAR A POLÍTICA**